

Onde estou? A presença social nos ambientes virtuais de aprendizagem

Glauco José Couri Machado – gcmachado@hotmail.com
CECH/DED – Universidade Federal de Sergipe

Resumo

Este artigo foi desenvolvido a partir dos resultados da tese de doutorado do autor no Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação PPGIE/UFRGS. Baseado em levantamentos teóricos para a compreensão da presença social em ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), elaborando laboratórios de teste e criando um instrumento de coleta de dados para a verificação da presença social dos membros de um AVA, percebeu-se a existência desse tipo de presença nos ambientes virtuais. Parte do princípio de que a EAD online é um produto da mentalidade moderna, porque ela está sintonizada com as exigências de hoje. Inclui a verificação que a percepção da presença social é muito importante para o processo ensino-aprendizagem na educação online e que ela compreende aspectos da lógica social/física na virtualidade. Esta percepção pode também servir como auxílio no desenvolvimento destes ambientes e na arquitetura de cursos a distância, bem como, em outras situações.

Palavras-chaves: Presença social – educação a distância – ambientes virtuais de aprendizagem – instrumento de coleta de dados

Abstract

This article was developed from the results of the author's doctoral thesis in the Postgraduate Program on Information Technology in Education PPGIE / UFRGS - Brazil. Based on theoretical studies to the understanding of social presence in virtual environments for learning (AVA), producing laboratories, and creating a data collection instrument for checking the presence of members of a AVA showed that there is this presence in virtual environments. Share the view that the EAD online is a product of the modern mentality, because it is tuned to the requirements of today. It includes verifying that the perception of social presence is very important for the teaching-learning process in online education and covers aspects of logic social/physics at virtuality. This perception may also serve as an aid in the development of these environments and the architecture of courses at a distance, as well as in other situations.

Keywords: social presence - distance education - virtual environments for learning - data collection instrument

Introdução:

A informática é hoje um dos matizes presentes no mundo e foi moldada por ele, mas que, numa relação de causa e efeito acaba por moldar o mundo também. Ela é objeto e resultado de um conjunto de ações humanas que, no processamento da (re)criação do hoje culminou nas condições propícias para seu surgimento e desenvolvimento. Mas o dinamismo dessas criações informáticas e as urgências do mundo atual repleto de novidades e incertezas fazem com que a informática aporte, com

seu emaranhado de tecnologias, em todos os setores da sociedade. Dessa forma, o processo educativo e as novas exigências do mundo produzem/criam a necessidade de um aprofundamento da percepção da informática e seus derivados no universo da educação.

Com isto, esse artigo tem como fundamento discutir um dos aspectos dessa vida digital: a presença social nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA¹). Procura evidenciar possibilidades de avaliação da existência ou não dessa presença e seus conseqüentes desdobramentos nos AVA a partir da proposta da compreensão teórica e da criação de um instrumento de coleta de dados aos olhos das teorias que ajudam a compreender os AVA (a saber: hodiernidade, educação a distância - EAD, comunidade, sociedade, presença e outras).

O conceito-chave - a presença social – é entendido aqui como:

uma sensação subjetiva de estar num ambiente distinto do ambiente físico da pessoa. A ilusão perceptual de uma experiência não mediada. Em qualquer comunicação mediada entre usuários remotos, a pessoa está fisicamente num lugar, mas envolvida e respondendo ao ambiente remoto. À medida que a sensação de presença aumenta o usuário se torna mais consciente e envolvido no ambiente remoto e menos consciente do ambiente no qual ele está fisicamente localizado (ALBUQUERQUE & VELHO, 2002, p. 1).

Dessa forma, esse trabalho é a procura da constatação da presença social para que, a partir dessa compreensão, seja possível auxiliar a construção de ambientes virtuais de aprendizagem mais amigáveis e mais próximos das vontades, quereres, sentimentos e sensações dos usuários. Pois, para o desenvolvimento da EAD online e da própria arquitetura dos AVA e também das lógicas educacionais, deve-se ir além das avaliações das ferramentas de comunicação escrita, mas, acrescentar o ato de se compreender as expectativas dos aprendentes quanto à sua percepção de estar presente ou não numa espécie de comunidade de aprendizado que são as ambientes virtuais em conjunto com suas atividades de ensino.

Análises e contribuições desse tipo são pertinentes nos dias de hoje, pois elas podem contribuir na elucidação de algumas perguntas que são feitas quanto às lógicas sociais dos AVA nos processos educativos e, mais amplamente, auxiliar nas explicações a cerca e sobre o mundo virtual e sua cibercultura. Bem como criar um argumento que possa contribuir, mesmo que minimante, para a sociedade perceber a existência da presença social e, assim, poder desenvolver mecanismos de ensino que tragam possibilidades satisfatórias aos agentes educacionais: governos e suas políticas para o ensino; instituições que utilizem do ensino ou que seu fim seja o próprio; alunos; professores; dirigentes; pais e quaisquer outros envolvidos. Também pode ter serventia para múltiplas situações computacionais e suas ferramentas que tenham ou necessitem analisar a presença social e, logicamente, as interações. Desenvolvedores de quaisquer ambientes virtuais que tenham essas necessidades podem fazer uso das contribuições aqui presentes, principalmente se for ligada aos ambientes voltados para o ensino-aprendizagem e, fazendo adaptações da proposta, ela auxilia, inclusive, em outros ambientes como jogos interativos e ambientes de negócios. E compreender que há interação nos AVA não é o bastante, pois a interação pode muito bem ser explicada por teorias psicológicas e até mesmo pela estatística ao verificar em ferramentas a

quantidade de mensagens que um sujeito participante de algum curso virtual trocou com outro, mas é necessário tentar tramar uma conjugação de atividades para compreender e perceber a presença, pois sua compreensão auxilia na avaliação das interações e, normalmente, para interagir o sujeito primeiro se sente presente. Isso quer dizer que o insucesso do aluno no curso, a falta de interação numa sala de aula virtual ou o sentimento de ausência e o não-reconhecimento do outro, pode estar ligado à ausência da sensação de presença e essa situação deveria ser avaliada ou verificada, por parte dos organizadores do curso e/ou professores, pois, é algo importante e fundamental para fluir a vida educacional do aluno online.

A pesquisa partiu da construção de um instrumento de coleta de dados (questionário), análises teóricas, laboratórios de prática de ensino para a aplicação do instrumento e, por fim, tratamento estatístico dos resultados obtidos na coleta. A arquitetura do trabalho investigativo foi organizada como um estudo de casos nas práticas criadas em laboratório em três momentos distintos na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões/URI, no campus Santo Ângelo/RS, Brasil, nos anos 2005 e 2006.

Como conclusão, constatou-se que a presença social é possível de existir em ambientes virtuais de aprendizagem e as pessoas podem estar conectadas num ambiente virtual e se sentirem tão presentes como se estivessem num ambiente presencial e aproveitarem o curso ao máximo, bem como perceberem a qualidade do mesmo e a presença dos colegas, portanto, as situações de aprendizagem que demandam uma presença social pouco importam ser presencial ou virtual. O que vai diferenciar no sucesso de um curso são suas estratégias de ensino, organização, pessoal capacitado, tipos de material didático, metodologias de ensino e etc, mas não o fato de um curso ser online e a distância ou numa sala de aula convencional. Porém não se pode generalizar que exista presença social em qualquer ambiente virtual de aprendizagem. Aliás, o AVA não é o determinante da presença. Ele ajuda, afinal, suas ferramentas e sua arquitetura são fundamentais para a disposição de um curso, mas ele não é capaz de agir sozinho, o que vai determinar um aluno se sentir presente no curso não é o AVA em si, mas sim as formulações pedagógicas que foram elaboradas e pensadas para o curso.

E, muitas vezes, sendo o curso do tipo “tutorial”ⁱⁱ para auto-aprendizagem, pode-se inquirir se a presença social é algo importante ou não? O que se percebeu com a pesquisa e com a definição do termo é que se sentir presente é algo fundamental para que os objetivos do curso sejam alcançados, portanto, para criar ambientes online amigáveis e facilitadores deve se levar em conta a sensação subjetiva da presença para que o aluno se sinta envolvido nos seus afazeres educacionais.

Arquitetura da pesquisa:

A pesquisa contou com quatro partes distintas, porém interligadas: estudos e compreensão teórica, criação do instrumento de coleta de dados, laboratório e tratamento quantitativo dos resultados. Foi realizada nos anos de 2004 a 2007.

A confecção do instrumento de coleta aconteceu em Portugal, na Universidade Aberta (UA) em Lisboa, durante estágio doutoralⁱⁱⁱ e teve como princípio que a vida virtual tem implicações semelhantes na intenção e diferentes na forma de ação da vida física e que, nesses ambientes as interações ocorrem de maneira a facilitar o encontro e a autoria.

Foi de lá que se partiu para a checagem da percepção da presença social em ambientes virtuais, conhecendo-os e entendendo seus meandros, melindres,

características e até mesmo sua história. Ali, reunida a equipe de orientação do estágio (sob a supervisão do Prof. Dr António Quintas Mendes e a participação das Profas. Dras. Lucia Amante e Lina Morgado), realizou o pré-teste do instrumento. Esse teste foi realizado junto aos alunos do curso de “Formação de Formadores Online” da Universidade Aberta em Lisboa no ano de 2005.

O instrumento, além da avaliação da presença social do outro e de si, deveria ter algumas questões que pudessem avaliar o curso, pois, ao avaliar o curso, o participante estaria compreendendo, nele, a sua própria existência. Ou seja, se o que estavam estudando lhe serviu e foi interessante para si, haveria o aluno de compreender que ele esteve presente no curso. Esse fato seria o primeiro ponto a se avaliar sobre a presença social, já que percebendo estar presente, poderia ter condições de perceber a presença dos outros. Também deveria ter o questionário um setor de identificação para posteriores cruzamentos para a obtenção de respostas segmentadas, caso fossem interessantes e para futuros estudos, entre sexo, idade, faixa salarial e etc. Junto a isso, haveria o instrumento de servir também para quem organiza e administra o curso no sentido de dar respostas que pudessem avaliar o conteúdo e as formas de estratégia para atingir os educandos. Portanto, preocupações na confecção do questionário estavam ligadas não apenas para a pesquisa em si, mas concomitante a isso, criar condições para que este instrumento pudesse auxiliar paralelamente a outras instâncias que não a da proposta da pesquisa. E a soma de todas essas preocupações em se verificar e avaliar faz carregar em quem os responde um exercício de memória sobre o curso, auxiliando mais ainda na percepção que ele teve do todo, o que faz perceber, mais ainda, a sua presença no curso que faz.

A avaliação que se fazia era a de que poderia aproveitar a aplicação do questionário para outras atividades, pois os participantes do curso iriam preenchê-lo de qualquer forma. Essa preocupação foi a que estimulou a criação de laboratórios que tivessem igualmente outras serventias. Nesse caso os cursos realizados como laboratórios foram de formação de professores para atuarem em EAD Online.

Um conjunto de questões estava vinculado a ganhos indiretos que um curso online poderia oferecer como também perceber o grau de conhecimento de informática antes e após o curso. Esse conjunto auxilia na avaliação das possíveis vantagens que um curso via internet poderia ofertar, indiretamente, aos alunos, criando condições de auxiliar na avaliação da própria EAD online e dos AVA. Junto a isso está mais um grupo de questões que partem para a verificação da motivação do aluno online e o que o leva a realizar um curso nessa modalidade. Compreender a motivação serve como ponto auxiliar para compreender o ponto de partida no curso e os seus possíveis desdobramentos, entre eles, o empenho durante o curso.

Outro grupo de questões é sobre as formas e locais de acesso. Saber onde e como o educando acessa é fundamental para os organizadores dos cursos e para os professores, pois pode ajudar na confecção dos materiais. Por exemplo, caso seja internet discada, a confecção do material deve levar em consideração o “peso” em bytes desse material, por questões óbvias de rapidez na abertura do mesmo e não criar desconforto na sua utilização. Esse ponto final é fundamental para a percepção da presença, pois um curso desconfortável, não amigável, um ambiente mal arquitetado podem ser fatores cruciais na não percepção de si e do outro no AVA.

Na finalização do instrumento, um conjunto de questões abertas para dar maior liberdade aos que respondem e poder, a partir dele, coletar informações não previstas nas respostas das questões fechadas e, por fim, três questões sobre o futuro, pois

perceber o que se pensa para o futuro sobre o curso ajuda na avaliação do mesmo e na forma como o aluno se sentiu.

O instrumento contém 81 questões e, quanto aos tipos de questionamentos, pode ser dividido na seguinte forma (algumas questões se enquadram em um ou mais tipos de questionamentos):

Tabela 1 - Tipo e quantidade de questões

Tipo de pergunta:	Quantidade de questões:
Identificação	6
Experiência em Informática	4
Ganhos extras	2
Motivação	2
Acesso	2
Uso do Tempo	4
Avaliação do Curso	35
Presença	25
Geral	3
Futuro	3

Aliado a isso, havia preocupações teórico-práticos na confecção da pesquisa, uma delas era a de penetrar e compreender o máximo possível as teorias que explicam os dias de hoje e a cibercultura, principalmente para tentar localizar as lógicas que deram origem à EAD moderna, particularmente aquela inserida na Web e as teorias que pudessem elucidar as formas de agrupamentos humanos para darem subsídios a estudos pormenorizados sobre a presença social. Outro foco teórico é justamente a presença social e as questões a ela ligadas.

Assim, realizar um amplo e horizontal estudo destas teorias ajudaria a compor uma espécie de mapa que desse sustentação ao primordial: criar um instrumento que pudesse ajudar a entender a presença social nos AVA e, logicamente, detectar se ela existe de fato ou não. O estudo teórico veio, dar embasamento à ambição dessa criação, pois se não conhecer a fundo o universo que se pretende pesquisar como poderia, o autor, criar perguntas pertinentes e coerentes com seu objetivo?

O laboratório teve a duração de mais de 280 horas de atividades na forma de três cursos distintos, realizados na Plataforma Teleduc^{iv} e que resumidamente foram realizados da seguinte forma:

Os cursos eram assíncronos e todos os dias ou em intervalos de dias os alunos tinham leituras e/ou tarefas para realizarem e eram orientados a colocarem suas opiniões nos fóruns de discussão e os colegas interagirem nessa ferramenta. De acordo com o grau de interesse do grupo ou de cada um pelo assunto em pauta, os fóruns variaram em números de interação. Esses fóruns funcionavam em forma de “árvore”, onde uma participação poderia ser atingida a qualquer tempo durante o curso, portanto, os assuntos nunca estavam prontos e acabados, poderiam ser retomados a qualquer momento no decorrer do curso.

Os momentos presenciais foram em número de três e ocorreram da mesma forma em todas as edições: primeiro dia de curso, para a apresentação do ambiente e explicação do curso em si e apresentação dos colegas e formadores; meio do curso,

como uma “parada estratégica” para discutir os rumos do curso e a preparação para a avaliação e, por fim, no último dia de aula, apresentação dos trabalhos de avaliação. Cada formando tinha um formador como orientador para seu trabalho final.

O questionário foi aplicado no último dia de aula a 24 respondentes que foi o número total de concluintes dos três cursos. A evasão durante os cursos foi mínima, compreendendo um total de sete.

Dados conclusivos:

A partir dos resultados da aplicação do questionário, onde, com o tratamento estatístico que levou em consideração o argumento de que se 50% mais 1 dos respondentes encaminhasssem para uma resposta, essa seria efetivada como a resposta da maioria, portanto, aquela que se leva em consideração.

A partir dos resultados, pôde-se afirmar que, de fato, houve o sentimento de presença social e, indiretamente, ganhos inesperados e extras aos concluintes de um curso online e a distância.

Essa afirmação é muito importante, pois ela traz à tona o desvendar do problema proposto. E, além dessa solução constatada havia uma opinião, apenas percebida e não analisada, que os cursos a distância online poderiam trazer ganhos indiretos e inesperados, particularmente, no que diz respeito ao aprendizado da informática.

Os números:

A experiência que os formandos tinham anterior ao curso no tocante aos conhecimentos informáticos em geral (excetuando a Internet) era em sua maioria: boa, satisfatória e avançada ou profissional. Após os cursos, os formandos avaliaram que houve algum tipo de melhora nos conhecimentos sobre computadores, afirmando que melhorou, 72% dos formandos obteve algum tipo de ganho de qualidade quanto aos seus conhecimentos de informática.

Especificamente sobre Internet, no curso 1^o, 100% afirma que seus conhecimentos anteriores ao curso eram avançadas. No curso 2, 58% satisfatórios e o curso 3 ficou com 42% cada um na resposta satisfatória e boa. Após o curso, 80% dos formandos do curso 1 afirmam que houve alguma melhoria (40% pouca coisa; 20% melhorou substancialmente e 20% melhorou razoavelmente). No curso 2, 43% melhorou razoavelmente; 14% melhorou substancialmente e 29% aprendeu pouca coisa. Já no curso 3, 67% afirma que melhorou razoavelmente e apenas 1% diz que seus conhecimentos continuaram iguais, dando um total de 99% de afirmativas na direção de algum ganho. Dessa forma, podemos afirmar que a ampliação de conhecimentos em Internet durante os cursos, de fato, aconteceu, mesmo que seja em pouca escala. Esses dados são importantes para análise, pois eles demonstram que, além dos conhecimentos específicos do curso, haveria de trazer aos seus participantes alguns ganhos paralelos.

100% dos alunos afirmam que estiveram bem integrados e aceitos no curso e 100% nega que tenha se sentido como “mais um” no coletivo do curso, bem como 100% afirma que não sentiu qualquer dificuldade em interagir com o grupo. 79,3% da média dos participantes avaliam que no curso realizado existiu um sentido de comunidade (60% no curso 1; 86% no curso 2 e 92% no curso 3).

Uma média de 71,3% dos formandos acredita que as discussões suscitadas ao longo do curso foram produtivas, 28,6% afirma que elas foram em parte produtivas e 0% negou que houvesse qualquer resposta negativa a essa questão e 88,6% afirma que a interação com os colegas foi algo fundamental para a realização dos trabalhos e 100%

analisa que a interação com o formador é fundamental. Esses fatos são importantes para analisarmos a vital relação no processo ensino-aprendizagem relacionado à interação entre os colegas e, principalmente, corrobora o papel de relevância do professor. Tais dados encontram ressonância nos conceitos de Garrison, Rheingold (2001) e Berger (2004). Nesse caso, a efetiva conversação e o sentimento de pertença criaram condições que auxiliaram o êxito do curso. Afinal, ao seu término, 100% dos formandos afirmaram que faria outro curso online, que recomendariam esse curso a algum conhecido e recomendaria outros cursos online a pessoas de seu convívio. Sinal claro e evidente da satisfação sentida.

A vivência da experiência online foi considerada como uma experiência rica e proveitosa por 87,6% dos formandos (não houve qualquer resposta negativa nesse sentido). Portanto, a compreensão do “viver” e “perceber” situações de convívio nos AVA foi bastante perceptível. Até mesmo porque, 56,6% afirmou que o grupo interagiu mais do que esperava ou que o grupo interagiu tanto quanto esperava e 36,6% avaliou que o grupo interagiu menos que esperava. Esse tipo de avaliação, independente dos números, demonstra que os concluintes conseguiram avaliar a participação dos colegas, fato relevante no sentido de compreender o outro e o grupo no ambiente em que está inserido. 100% dos alunos se sentiram bem integrados e aceites no grupo, na totalidade (100%) há a discordância de que cada um tenha sido “mais um aluno” no grupo; da mesma forma que 0% sentiu dificuldade de interação. Um ponto muito importante é a avaliação quanto à percepção da existência do sentido de comunidade nos cursos, com uma média de 79,3% que concordou haver sentido comunitário.

A percepção de alguns formandos sobre dificuldades por parte de colegas em interagir com o grupo encontra ressonância nas preocupações de estilos comunitários de vida. A partilha, o “estar com”, o conagraçamento e o bem comum são sentimentos existentes nesses tipos de agrupamentos. Liga-se a questionamentos da ordem das relações interpessoais a existência do sentimento de coleguismo, afirmado por 87,6% dos formandos e a relação amigável com os colegas representada por 100% dos respondentes. Mesmo que 48% tenham afirmado não conhecer bem os colegas de curso; esses mesmo 48% não hesitariam em participar de encontros presenciais informais (com 100% de aprovação no sentido de que não hesitariam em ter um encontro presencial e manter uma conversa informal com os colegas) e 100% vão mais além ao afirmar que gostariam de participar de alguma festa onde os colegas de curso fossem, demonstrando a predisposição de auto-conhecimento do grupo. Entram nesse rol de perguntas as seguintes proposições que vão ao encontro de algum tipo de sentimento comunitário: a crença de que seus colegas arranjariam tempo para encontrar consigo foi afirmativamente respondida por 100%; 95,3% acredita que mesmo depois do curso os seus colegas estarão disponíveis para responder eventuais questões que lhes forem colocadas por e-mail; 95,3% dos membros tem vontade de manter contato com algumas pessoas que conheceram durante o curso e 95,3% tem vontade de manter contato com todo o grupo. Sem contar que 87,6% dos participantes sentiram tornarem-se amigos de alguns colegas.

Outro fator importante é que 100% dos formandos afirmaram que o curso compensava o tempo que gastaram para realizá-lo. Além disso, 64% dos participantes tornaram-se discente online apenas para aquisição de conhecimentos - para aplicar na área profissional sem que isso envolvesse promoção profissional ou financeira, ou seja, foi uma opção pessoal, sem fins lucrativos ou de hierarquia no trabalho. Portanto, foram

cursos sem as pressões profissionais, o que pode ter contribuído para uma vida comunitária, amigável e interessante entre seus membros.

Sendo assim, os dados apontam para a formação de uma comunidade de inquirição, baseada na troca entre os membros do AVA, sendo eles formandos e formadores e uma percepção clara e objetiva do seu papel no curso, na presença do outro, nas relações entre seus membros e nas vontades futuras de manutenção do sentimento comunitário ao se manifestarem a favor de encontros “extra-vida online”.

A presença social no curso não passou necessariamente pelos encontros presenciais, sendo que não se pode afirmar que os mesmos tenham sido fundamentais, na opinião da maioria dos formandos. Porém, a presença social foi marcada e fundou-se nas conversações ocorridas no AVA.

Como um contraponto às questões pertinentes ao mundo virtual uma pergunta foi elaborada sobre a importância dos encontros presenciais, sendo que o questionamento foi sobre a apreciação desses encontros. 93,3% dos participantes julgaram fundamentais para a realização do curso e apenas 6,6% achou pouco importante, não sentindo como uma mais-valia. O fato é que há, demonstrado pelos números, uma profunda afirmação do grupo quanto aos encontros presenciais. Isso pode ser analisado pela ótica que ele é necessário.

Mas o fato mais surpreendente foi que, justamente, no curso 3, onde houve participantes que não se conheciam antes presencialmente, apontou-se para uma interação dos membros maior do que esses esperavam (67%), em contrapartida, nos cursos 1 e 2, a expectativa face ao grau de interação foi menor do que esperavam (60% no curso 1 e 42% no curso 2 esperavam que o grupo interagisse mais). Isso pode ser analisado no princípio de que o conhecimento presencial prévio dos membros não é fator preponderante na interação durante um curso a distância, pois os acontecimentos e as lógicas engendradas nos ambientes e nos cursos podem interferir no conjunto em que os participantes interagem já que as formas de comunicação, os estilos de interação e as ferramentas comunicacionais são bem diferentes daquelas existentes no mundo presencial, gerando uma nova forma de realizar as relações interpessoais. Assim, pensar que o fato dos membros de um curso a distância serem conhecidos entre si antes da realização de um curso culminará numa interação mais profunda não é, segundo os dados, uma situação real.

Conclusão:

As perguntas quanto à qualidade do curso, seus desdobramentos pedagógicos, conteúdos ministrados e a interação com os formadores foram tratadas no questionário, porém, não apresentadas, pois a intenção é analisar a presença social nos AVA. As questões relativas a esses assuntos têm reflexos nas interações de qualquer clientela, em qualquer tipo de curso, seja ele online ou presencial. Fato é que a qualidade do curso e a formulação pedagógica são fundamentais para o êxito educacional. Isso quer dizer que as ocorrências positivas que demonstraram o aparecimento de indícios de uma vida comunitária vívida durante os cursos analisado não pode ser desvinculada de toda a trama engendrada pelos formadores para construir e darem andamento ao curso, apontando para a presença de ensino.

A arquitetura e engenharia do AVA também são fatores preponderantes, pois há de ter locais propícios para a manutenção da conversação tão necessária para a construção do sentimento comunitário. Ao versar sobre o tema interação, está se falando de experiências onde o que prevalece são as manifestações da cultura de seus

envolvidos. Em qualquer ambiente virtual os participantes sempre estarão impregnados dessas manifestações que receberam nos seus processos de socialização, sendo decorrente a vontade de estreitamento de vínculos de amizade nos momentos em que os indivíduos passam a conviver com mais frequência nos ambientes, ainda mais se passarem a percebê-lo como um “lugar”.

Os propósitos que levam à interação no mundo ocorrem também nos AVA, pois são propósitos imanentes da cultura de seus sujeitos. A realidade empírica da construção humana do mundo é sempre social, assim, falar em interações humanas, seja em qual ambiente for, estará sempre presente a participação incondicional das “heranças socializantes”. E esta, por sinal, resulta a complexidade da sociedade, fundando-a e estabelecendo-a. Portanto, toda a produção humana só pode existir na e pela sociedade. A sociedade se erradia na exteriorização do homem e se estabelece na sua objetivação. Essa objetivação é o mundo humanamente constituído e atinge o caráter de realidade objetiva. Berger e Luckmann (2004) afirmam que o mundo cultural é produzido coletivamente e que permanece real devido ao reconhecimento coletivo. Dessa forma, estar na cultura significa o compartilhamento de um mundo particular objetivo. As estruturas de plausibilidade se mantêm quando os acontecimentos ocorridos no grupo encontram com os acontecimentos da vida cotidiana e real dos membros da comunidade virtual. Ou seja, mesmo na virtualidade os encontros continuam indicando a simbologia necessária para o entendimento da vida. Cultura, sociedade, linguagem, web... Todas construídas pelos homens. Todos, produtos e produtoras de homens. Todos perpassam e seguem os movimentos existentes no interior de suas épocas, com suas características e envolvimento próprios de cada período histórico. Dessa forma, se temos uma cultura característica dos dias de hoje e ela contém o mundo virtual, isso quer dizer que nossas realizações estarão contidas nas premissas culturais desses dias. A Web, por ser um território atual e presente e já ter raízes lançadas por um passado, representa e se objetiva nessa época.

As relações interpessoais na Web seguirão a cultura da hodiernidade com suas características e modelos próprios. Se em 1986 Howard Rheingold já compreendia e dissecava o modelo de “comunidade virtual”, no fim da primeira década do século XXI esse modelo já está implícito na mentalidade humana, seja nos usuários da web, seja no restante dos humanos que recebem influências dos símbolos, códigos e signos existentes no propalar da virtualidade no mundo real. Com isso percebe-se que ao “virtualizar” a educação num ambiente propício está nada mais nada menos do que se “comunicando” com a Era vigente e sua mentalidade. Não é um exercício futurista e sim uma resposta a uma construção humana oferecida à sociedade. Construção essa que foi moldada pelo homem e, ao mesmo tempo, o molda, num processo característico dos meandros antropológicos. E as relações interpessoais vão responder nos ambientes virtuais com as “linguagens culturais” que ela compreende e se comunica, porém carregada de sentidos dos seus membros, sentidos esses condizentes com sua época e tempo cultural.

A experiência de um curso online, assíncrono e a distância possibilitou a vivência real em espaço virtual e atuou no sentido do desmanchamento das fronteiras (geográficas, profissionais, teóricas, individuais) e na abertura de sentidos, demonstrando a viabilidade de espaços em educação que descaracterizam a função do veicular presencial de informações pelo professor. E também na constituição de um fazer em educação que saia da transmissão de informações e aposte na construção de modos criativos e coletivos de conhecimento (FRANCISCO & MACHADO, 2000). A

abertura de sentidos se dá no re-pensar e refazer o acontecer da educação na contemporaneidade. Como afirma Lévy:

Seres humanos, pessoas daqui e de toda parte, vocês que são arrastados no grande movimento da desterritorialização, vocês que são enxertados no hiper corpo da humanidade e cuja pulsação ecoa as gigantescas pulsações deste hiper corpo, vocês que pensam reunidos e dispersos entre o hipercórtex das nações, vocês que vivem capturados, esquarterados, nesse imenso acontecimento do mundo que não cessa de voltar a si e de recriar-se, vocês que são jogados vivos no virtual, vocês que são pegos nesse enorme fluxo do ser, sim, no núcleo mesmo desse estranho turbilhão, vocês estão em sua casa. Bem-vindos à nova morada do gênero humano. Bem-vindos aos caminhos do virtual! (1996, p.150).

A partir da leitura de todas estas questões pode-se concluir que os três cursos alcançaram o objetivo incluído em sua arquitetura, que era, justamente, realizar um curso onde a construção coletiva do conhecimento fosse uma razão importante, já que nas respostas obtidas, a partir do instrumento de coleta de dados, pôde se observar que os membros do curso conseguiram se posicionar e avaliar as interações existentes e seus sentimentos de pertença no grupo e a identificação da existência do outro. Quando isso ocorre é sinal de que os envolvidos se sentiram presentes e perceberam a presença de um grupo com características comunitárias, calcada na cordialidade e no desejo de permanência do encontro, inclusive, extra-curso e presencial. Para os organizadores dos cursos, uma conclusão como essa é sinal de que suas estratégias de ensino estiveram de acordo com os movimentos realizados no decorrer das atividades dos cursos.

Por outro lado, todas as respostas dos gráficos junto com a análise da arquitetura dos cursos representam que o questionário conseguiu avaliar o que ele propôs. Afinal, foram aplicados em membros que diferenciavam entre si a cada curso. Essa constatação, somada ao pré-teste realizado, pode indicar que o instrumento de coleta de dados está apto para ser aplicado em qualquer situação de curso com estratégias de ensino e arquitetura e em ambientes virtuais que tenham características semelhantes e que a presença social é um fato nos ambientes virtuais. Sentir-se presente não, necessariamente, precisa de uma construção física. O virtual também proporciona essa sensação.

Referências:

ALBUQUERQUE, Antonia; VELHO, Luis. Together ness through virtual worlds: How real can be that presence? Proceedings of Presence, Fifth Annual International Workshop on Presence, Porto, Portugal, 2002

BERGER, Peter e LUCKMAN, Thomas. A construção social da realidade. Lisboa: Dinalivro, 2004.

FRANCISCO, Deise Juliana; MACHADO, Gláucio José Couri. Informática e educação: caminhos e percalços. Workshop: informática na educação: uma nova abordagem educacional. Passo Fundo: GESEPE, 2000, p. 113-119.

LÉVY, Pierre. O que é o virtual. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

RHEINGOLD, Howard (A comunidade virtual. Lisboa: Gradiva, 1996

ROURKE, Liam; ANDERSON, Terry; GARRISON, Randy; ARCHER, Walter. Assessing social presence in asynchronous text-based, computer conference. Journal of Distance Education, 14 (2). 2001.

ⁱSão ambientes educacionais simulados no computador onde os usuários podem realizar situações, tais como: ter e ministrar aulas, interagir com outros colegas, em grupo e/ou com o professor(a), enviar e receber trabalhos, realizar tarefas, testes, provas e etc., por intermédio de dispositivos de informática.

ⁱⁱ Tipos de curso onde o aluno recebe material instrucional, com explicações passo a passo, no sentido de ensiná-lo a utilizar algo.

ⁱⁱⁱ O autor realizou estágio doutoral (doutorado sanduíche) na Universidade Aberta de Portugal em Lisboa durante os meses de outubro de 2004 a fevereiro de 2005, totalizando 5 meses de estágio.

^{iv} O **TelEduc** é um ambiente de educação a distância online desenvolvido pelo Núcleo de Informática Aplicada à Educação (Nied) e pelo Instituto de Computação (IC) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

^v Para facilitar a visualização dos resultados, os cursos foram divididos em 1,2 e 3, onde 1 foi o primeiro curso e 3 o último a ser ministrado.